

Estratégias do olhar fotográfico: teoria e prática da linguagem visual

Adilson Gomes Junior, Lenilson de Oliveira Bezerril - FAPCOM

RESUMO: *Estratégias do Olhar Fotográfico: Teoria e Prática da Linguagem Visual* (2015), escrito pelo professor doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC, Adriano Miranda, tem como proposta apresentar a linguagem fotográfica pelo nosso olhar do mundo, apontando a relação do olhar de quem é espectador de uma determinada fotografia, para o olhar do fotógrafo. Assim, Adriano Miranda descreve aspectos da imagem como conhecemos, desde seus elementos formais e características de composição da imagem a suas narrativas e sensações que podem ser dadas pelo fotógrafo a uma imagem.

Estratégias do Olhar Fotográfico: Teoria e Prática da Linguagem Visual (2015), escrito pelo professor doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC, Adriano Miranda, tem como proposta apresentar a linguagem fotográfica pelo nosso olhar do mundo, apontando a relação do olhar de quem é espectador de uma determinada fotografia, para o olhar do fotógrafo. Assim, Adriano Miranda descreve aspectos da imagem como conhecemos, desde seus elementos formais e características de composição da imagem a suas narrativas e sensações que podem ser dadas pelo fotógrafo a uma imagem.

Dividido em três partes: elementos formais, composição e contando histórias por imagens, o livro busca trazer pontos de análise e de estruturas da linguagem visual, desde planos, texturas, cores, perspectiva, contraste e equilíbrio, ritmo fotográfico e construção de espaços narrativos. Entre essas partes, foram colocadas regras, características e processos fotográficos de alguns fotógrafos de referência como Robert Capa, Henri Cartier-Bresson e Philippe Halsman.

O livro não tem como objetivo falar de um determinado tipo de fotografia, de técnicas fotográficas e suas habilidades, como suporte para compreender os conteúdos das imagens e muito menos como meio de transmissibilidade de algo que é muito difundido nas redes sociais. Porém, o livro aborda a fotografia como uma imagem produtora de sentido e

conteúdo, que tem o poder de revelar e ocultar informações. Uma imagem que seduz milhões de pessoas e que tem como característica a impossibilidade de ser controlada.

Essa imagem está inserida em processos tanto internos como externos afirma o autor, portanto, quando buscamos fotografar o que acontece é como um atualizar dos nossos bancos de dados de imagens internas. Por isso, a imagem pode ser compreendida como a nossa cultura e, com isso, a nossa forma de se relacionar com o mundo.

Como afirma o autor, o seu objetivo é estudar a linguagem visual existente na fotografia, o mesmo deixa bem claro que ao estudar as imagens fotográficas, necessitamos saber que elas são mutáveis, imprevisíveis e que também necessitamos encontrar nelas algo imutável, ou seja, estável, pois assim as compreenderemos melhor.

Sendo assim se coloca a comparar, a princípio, a linguagem visual e seus elementos formativos da imagem com a lógica e a linguagem dos textos verbais. Apresentam-se as características que necessitamos para uma comunicação verbal, por exemplo, conhecer um vocabulário e, conseqüentemente, suas regras gramaticais, depois a linguagem deve ser colocada em prática, construindo palavras e frases. O autor diz que essa transição de um estado estático de um vocabulário para a ação, isso podemos chamar de linguagem, e nas imagens encontramos algo parecido, uma base de organização visual.

Adriano Miranda nos dá exemplos que na arte egípcia, grega e romana valorizava-se o aspecto visual como elemento de formação da cultura, onde as imagens eram produzidas não apenas nas pinturas, mas nas formas arquitetônicas, esculturas, vestuários e objetos do cotidiano. Afirma, portanto, que é por meio dos nossos olhos que extraímos nosso vocabulário, ele é o elemento essencial para percebermos as imagens e as interpretarmos. O ato de olhar é interpretar e localizar informações que estão em nosso cérebro, e isso acontece por meio de três operações distintas da nossa visão: óptica, química e nervosa.

Tudo o que vemos é da ordem do visível, aquilo que confronta nossos olhos. Porém, muitas vezes, esse visível passa despercebido por nós, mesmo que nosso cérebro faça o seu registo. A relação do visível com o visual não é nem um pouco tranquila, é desse estado

conflituoso que as categorias do nosso conhecimento se formam, aprendemos ou conhecemos algo, e é a partir desse choque que os nossos olhos podem ver juntamente com aquilo que nosso cérebro projeta de imagens.

O exemplo desse conflito é o editor de uma revista querer ampliar seu alcance para um outro público específico ou um gerente de marketing que deseja clientes mais jovens. Ambos têm o desafio de criar uma imagem para seu produto que atinja o seu público alvo. Portanto, há uma expectativa no visual, e quando este não é reconhecido pelo visível, o público alvo pode recusar o produto, por isso a necessidade de pensar estrategicamente.

Na primeira parte do livro o autor frisa que é de suma importância compreender o aspecto formal de uma imagem, pois com ele podemos perceber o efeito de sentido gerado no espectador. Saber que uma imagem pode conter elementos geométricos e manter ainda o seu conteúdo e intenção intactos é de muita valia, mesmo tendo a dificuldade dos diversos números de combinações de elementos formais da imagem, que gera uma certa impossibilidade de elencar um vocabulário visual.

Os sistemas de reprodução de imagens, sejam eles quais forem, em telas ou impressos, baseiam-se no ponto como elemento primário, esse pode ser compreendido pela sua relevância ou para o seu conteúdo. Por exemplo toda pessoa, animal, flor, objeto, seja uma mesa ou cadeira, quando aparece pequeno numa imagem se transforma em um ponto em relação à imagem total. É seu tamanho reduzido que transforma visualmente esse elemento em um ponto.

Interessante que, mesmo sendo pequeno, esse ponto consegue chamar a atenção da visão do espectador; mesmo sendo um elemento simplório, pode ancorar o tema e o assunto de uma fotografia e produzir um efeito nele.

Já a linha tem uma característica peculiar onde oferece ao espectador uma visão da superfície da imagem, pode até ser uma conexão entre dois pontos ou até mesmo um trajeto de um ponto em movimento. Pode ser destacada como o contorno sobre o objeto, como também ser invisível e subentendida.

Quanto ao ritmo, ele depende da repetição de elementos que ensinam o espectador como deve olhar a imagem, essa repetição pode ser de pontos, linhas, formatos, cores ou até mesmo a combinação desses elementos, essa estrutura rítmica de repetição pode ser feita de forma regular e irregular sempre conforme a intenção do autor. A repetição por produzir padrões visuais conduz o olhar do espectador através da imagem, por exemplo, a estrutura de uma grade auxilia na compreensão de como a imagem sugere a ordenação e repetição dos elementos.

O equilíbrio é um fator importantíssimo para a harmonia dos elementos de um determinado espaço, esse acontece na dualidade entre simetria e assimetria, enquanto a primeira se preocupa em orientar o eixo espacial juntamente com seus diversos elementos, a segunda acontece com a quebra desse eixo gerando uma desordem dos elementos. Uma outra variável que não pode ficar de fora é o equilíbrio dinâmico, que tem como efeito as linhas, formas geométricas regulares, contraste de luzes, texturas e proporções.

Nas linhas, acontece a composição visual de uma imagem, as formas geométricas são as aplicações de formas elementares, como círculos, quadrados e retângulos, que são visualmente dinâmicas e mais estáveis. O contraste de luz tem como efeito produzir dramaticidade, gerando, pelo contraste, certo desequilíbrio. A textura, principalmente quando é diversa, consegue gerar desestabilidade no público, fazendo-o observar melhor a imagem. A proporção, quando alterada, gera no espectador, logo de imediato, certo desconforto, levando-o a repensar a imagem.

Quando se fala em escala é preciso compreender que ela pode ser vista como um parâmetro quantitativo, que pode ser observado nas fotografias. A escala refere-se ao tamanho da imagem, como a dimensão do corpo humano que pode acontecer da seguinte maneira: Grande Plano, que mostra toda uma paisagem; Plano conjunto, mostrando um grupo de personagens ou elementos; Plano Médio, que apresenta tanto um personagem e fundo; Plano Americano, no qual a imagem do personagem é captada da cintura para cima; Plano Close-up, que destaca o rosto e o Plano detalhe, que mostra um detalhe do corpo ou de um objeto.

Nesta parte do livro, Adriano Miranda trabalha a composição de uma imagem, explicando seus elementos e fundamentos, buscando possibilitar um maior impacto atrativo para a fotografia através de estratégias visuais. Assim, passa a explicar os elementos e fundamentos para uma estratégia do olhar, iniciando com o formato da imagem.

O fato de existir uma borda ou uma delimitação do campo da imagem pode ser visto como algo que podemos usar a favor da fotografia e como uma limitação de onde podemos trabalhar a imagem. Através do formato, podemos perceber e contextualizar (através do tempo de exposição) se esta imagem possui uma aparência mais do “cotidiano” ou uma imagem mais imponente.

O formato de paisagem, por exemplo, valoriza o posicionamento horizontal, visando uma correlação com o nosso modo de olhar o mundo. Além do mais, o formato de paisagem traz uma relação espacial e temporal de um aspecto mais amplo. Já o formato de retrato traz uma referência histórica a pinturas de retratos, que normalmente eram realizados na vertical. Ao contrário do formato de paisagem, o retrato quebra com a noção de percepção padrão existente em nossos olhos, trazendo um aspecto para um foco em algo dentro do horizonte ou evidenciando aspectos humanos. Por último, o formato quadrado tem como foco trazer um equilíbrio, valorizando as simetrias e as assimetrias. Atualmente, este formato é usado dentro das redes sociais, trazendo a este um aspecto sofisticado e artístico, visando uma estética que valoriza a imagem.

Chegando ao elemento da área da imagem, temos uma visão inversa do formato. O formato é a borda, a limitação entre o externo e o interno. Já a área da imagem é a busca por definir o que estará na foto e o que não estará, mas não é somente isso. É analisar o contexto, buscar o melhor ângulo, enquadramento, formato e expressão dentro do recorte da imagem, para que assim tenha um melhor controle nesse processo de compreender o que será o foco e o que virá com a imagem. A seleção dos elementos é um processo fundamental, sempre tendo como base a visão do fotógrafo e este sempre deve se perguntar qual é a importância daquele elemento dentro da fotografia.

O corte como um elemento da composição fotográfica deve ser tratado com muito cuidado, pois depende de uma relação de assimilação de reconhecimento do que está exposto. Caso este corte seja feito de forma incorreta, a fotografia pode causar mais estranhamento e desinteresse que uma dúvida ou uma composição natural da imagem. Mas, também, um determinado corte pode valorizar um determinado elemento da fotografia, através de sua área ocupada ou, por exemplo, diminuir a ênfase de uma imagem sem tanta importância.

Naturalmente, o corte pode gerar aproximação de elementos, e com esta aproximação surge um potencial emocional. Com este potencial emocional, existe a possibilidade de um desvio do assunto, proposta dentro do ensaio ou da fotografia, mas também pode evidenciar melhor o aspecto que o fotógrafo gostaria de trazer para aquela imagem.

A organização dos elementos visuais é trabalhada por diversos aspectos como as formas, simplicidade e complexidade, entre outras. Cada uma delas tem sua relevância dentro da organização da imagem e no processo de configurar uma figura para passar ou transmitir algo específico.

No caso das formas, é apresentada a teoria da Gestalt, a qual trabalha os elementos invariáveis para os olhos e nosso cérebro. A partir daí, são seguidas leis da Gestalt para auxiliar a compreensão da figura. De forma simples, esta pode ser colocada em termos gerais como a proximidade, a similaridade, a continuidade, a pregnância, a experiência passada e a clausura, também conhecida como fechamento.

Dentro da simplicidade e complexidade, é trabalhado como é realizado o processo de associação de uma imagem vista no presente momento com o “banco de imagens” existente em nós. Assim, demonstra-se um processo de associação de imagens, sendo capaz de captar e vislumbrar imagens de seu cérebro simultaneamente para realizar uma associação, de realizar uma organização conforme as narrativas da imagem e selecionar uma quantidade limitada de imagens para serem guardadas na memória.

Entender este processo auxilia na composição da imagem a ser veiculada ou registrada, pois quanto maior o número de elementos visuais dessa imagem, maior a chance de sua

construção narrativa ficar dispersa, e quanto menor, mais fácil a compreensão do intuito da imagem. Logicamente que mesmo numa imagem com vários elementos visuais pode estar visualmente clara sua narrativa, desde que a construção seja apresentada de forma simplista.

Ainda, o lugar de cada coisa dentro da imagem tem seu peso de complexidade, e uma ordenação adequada desses elementos traz ao espectador uma sensação. Quando bem ordenado, deixado dentro de uma simplicidade, o maior número de elementos torna-se simples e isto é admirável perante os olhos de quem vislumbra a imagem.

Já os elementos visuais de uma imagem são definidos dentro de três categorias. A primeira categoria tem como função definir o assunto proposto por uma imagem específica, definir o que será a base do assunto proposto pela imagem. A segunda categoria é complementar e dá suporte ao elemento principal da imagem, mas também pode ser usada como forma de contrapor ou contrastar com o elemento principal. A terceira não se relaciona com a primeira nem com a segunda, simplesmente não traz uma significação dentro do assunto ou tema proposto, apenas compõe o preenchimento da imagem. Um fotógrafo deve levar em consideração sempre essa ordenação de elementos.

Se até então falamos dos elementos, iremos agora falar da localização desses. A história humana, durante muito tempo, buscou um cálculo ou uma determinação matemática que fosse capaz de dar à percepção humana um efeito agradável. Dentro deste tema cabe ressaltarmos duas: proporção áurea e regra dos terços. Basicamente a regra dos terços é uma simplificação da proporção áurea, onde o ponto focal da imagem, ou setor mais atrativo fica nas intersecções entre as linhas horizontais e verticais. Já a proporção áurea se dá a partir de uma repetição sucessiva da base do retângulo por sua altura. As duas têm como modo de apresentar uma harmonia entre os elementos da imagem, buscando um balanceamento. Elas também podem ser usadas para realizar o contrário, causar um desequilíbrio, uma inadequação. Não podemos estabelecê-las como regras da fotografia, já que seu papel é auxiliar e ser um recurso para uma foto que deseja os aspectos citados acima.

O ritmo em uma imagem pode ser utilizado também como um recurso potencialmente criativo para as fotografias. Estabelecer um fluxo visual dentro desse aspecto rítmico é uma forma de trazer uma nova experiência visual para o espectador. A utilização de padrões visuais pode ajudar neste efeito e existem tipos de variedades rítmicas para a fotografia, estas são: a repetição, a alternância e a progressão.

A terceira parte desse livro tem como foco a capacidade de uma imagem ou fotografia contar uma história, ou uma narrativa situada em um espaço e tempo, fictício ou não. Desde a pintura rupestre, se começava a entender a imagem a partir das histórias que eram contadas. Ainda neste início havia a noção de uma narrativa estrutural, definindo início, meio e fim de uma história. Uma narrativa contada por imagens traz a capacidade de saber determinados aspectos de um personagem ou de um ambiente, além disso a narrativa por imagens torna mais fácil a recepção da história.

A fotografia é o registro que pode ser lido e interpretado pelos espectadores como uma relação com a realidade, podendo assim lembrar experiências vividas por esse espectador, trazendo uma significação para a fotografia, baseada em suas experiências e vivências.

No momento de uma fotografia, quando aquela imagem registrada ou para ser registrada torna-se mais que isso, torna-se uma narrativa, que tem uma história por trás, o fotógrafo muda sua perspectiva. Ele passa de fotógrafo a narrador, e passa a registrar a história corrente ali presente, respondendo às questões de um conto narrativo, o “quem?”, “quando?”, “onde?” e “por quê?”.

A percepção do local e momento fotografado não se altera por causa da fotografia, ela somente pode buscar registrar o momento e estabelecer um local, o qual a narrativa toma para si e usa como contextualização do ambiente da narrativa. Esta foto pode possibilitar que o espectador olhe para ela e imagine para além dela, que crie em sua mente a continuação daquele espaço.

Dentro da temporalidade narrativa podemos perceber através da imagem, sem depender de uma narração, o que ocorreu ou o que está para ocorrer neste local. Assim, podemos

perceber a ordem dos ocorridos, através de objetos, carros, roupas, prédios etc. A fotografia é uma interrupção, uma paralização de um momento, e este momento torna-se presente neste “movimento” do estático.

E assim como toda narrativa, a imagem que conta história também tem um personagem, que não necessariamente é humano, mas pode ser um objeto, um animal ou uma planta. Percebe-se que a atenção do espectador é pelo semelhante, por isso a “humanização” de um objeto traz o fascínio, e a partir disso tentamos entender a história e vivência daquele personagem. Porém, trazer o aspecto de mudança para um personagem a partir de uma fotografia não deve ser fácil, pois é necessário que a mudança do personagem seja clara para o espectador.

Em sua última parte do livro, Adriano Miranda ressalta que o ato de fotografar não é somente uma relação fotografado e fotógrafo, mas é uma relação também com quem vê essa foto e com o ambiente em que esta foto está exposta. Quando uma imagem traz uma boa impressão do real, o espectador se projeta nela, se lança a ela como parte do real e, desta mesma forma, o ato de fotografar é o ato de expressar a visão do fotógrafo do real, do que está no mundo e do que às vezes não vemos se não for por uma fotografia.

Mesmo que a premissa desta obra não seja de estabelecer e determinar formas ou técnicas fotográficas e sim de visar mais a imagem como uma produtora de sentido e de conteúdo, composta de informação, este livro pode ser tomado como auxílio para alguém que deseja iniciar seus estudos e exercícios dentro da área de fotografia.

Interessante ressaltar a facilidade da compreensão desta obra que não tem a intensão de fixar medidas estabelecidas para o olhar fotográfico, pois apresenta a estruturação da linguagem fotográfica dentro de uma imagem ou de sua composição. Além disso, com um texto simples, o autor conseguiu transmitir os pontos abordados em sua obra de forma clara e prática, possibilitando a introdução à arte de fotografar com essas estratégias do olhar fotográfico (composição, estruturação, formatos, escalas) através de pequenos exercícios no decorrer de cada parte do seu livro.

Referência Bibliográfica

MIRANDA, Adriano. Estratégias do olhar fotográfico: Teoria e prática da linguagem visual. 1ª edição. São Paulo: Paulus, 2015.